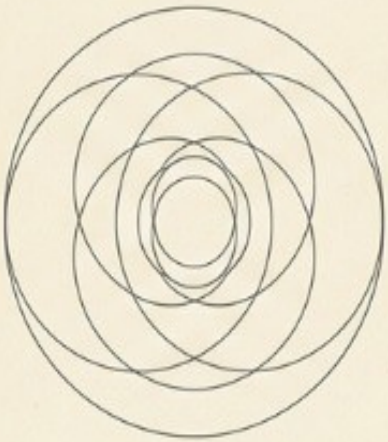
ORGANIZAÇÃO E NARRATIVA DA CURADORA - VOLUME I

O INVENTÁRIO DA MATÉRIA

papéis de Paulito Dagen Roer



uma publicação da Biblioteca do Archive.
O Archive, 2026.
Edição nº 01/30
Este documento é propriedade intelectual de Paulito Dagen Roer.

O Inventário da Matéria

Papéis de Paulito Dagen Roer

ORGANIZAÇÃO E NARRATIVA DA CURADORA
VOLUME I

2026

SUMÁRIO

Nota da Curadora:
O Achado das Coisas Secas

- *Prólogo:*
  Onde a Luz Desiste
- *Módulo I:*
  A Condição Óssea dos Objetos ..... Págs. 1-9
  I. A Cadeira de Palha
  II. O Copo Trincado
  III. O Sapato Esquerdo
  IV. A Gaveta dos Pregos Tortos
- *Módulo II:*
- *A Metafísica da Clorofila ..... Págs. 11-19*
  V. O Musgo no Muro de Arrimo
  VI. A Respiração Inversa da Samambaia
  VII. A Raiz que Racha a Calçada
  VIII. O Caroço Abandonado
- *Módulo III:*
- *A Geometria da Luz e da Poeira ..... Págs. 21-29*
  IX. O Facho de Luz das Três da Tarde
  X. Poeira em Suspensão Cósmica
  XI. O Espelho Embaçado do Banheiro
  XII. A Linha Horizontal do Chão
- *Módulo IV:*
- *A Condição das Coisas Abandonadas ..... Págs. 31-35*

XIII. O Guarda-Chuva Esquecido no Ônibus
XIV. A Chave que Não Abre Nenhuma Porta

- *Epílogo:*
- *O Silêncio da Matéria .....,,,,,.....Págs. 37*

NOTA DA CURADORA: O ACHADO DAS COISAS SECAS

Quando abri a primeira pasta de Paulito Dagen Roer, percebi que sua escrita sofria de uma obsessão mineral. Não havia espaço para o melodrama ou para as efusões do eu. Roer olhava para o mundo doméstico como um legista olha para um corpo: buscando a estrutura que permanece depois que o sopro cessa.

Minha função como Curadora e Narradora deste arquivo foi organizar esse primeiro lote de papéis, que chamei de O Inventário da Matéria.

Limpei as rasuras, estabilizei o ritmo das frases e garanti que o português mantivesse a crueza seca das anotações originais. Ao ler estes fragmentos, o leitor perceberá que Roer não descrevia os objetos para possuí-los, mas para documentar o silêncio que eles devolvem quando nós paramos de usá-los.

Se um objeto não puder ser encarado em sua solidão, ele não merece ser escrito. Este é o critério que usei para salvar estas páginas.

— A Curadora.

PRÓLOGO: ONDE A LUZ DESISTE

Entre as notas soltas de Paulito Dagen Roer, havia um cartão postal sem selo com a seguinte frase: "Uma linha preta risca o assoalho às duas e quarenta da tarde. Não é madeira, não é tinta; é a ausência de sol provocada pelo batente de ferro da janela."

Como curadora, decidi fazer dessa anotação o portal de entrada deste volume.

Roer sabia que o mistério não está no extraordinário, mas na fresta onde o cotidiano falha. O que começa quando essa linha de sombra toca o pé da mesa? Nenhuma utopia está longe demais que não caiba no intervalo entre a madeira e a escuridão que avança sobre o piso.

Observar a condição das coisas simples exige uma renúncia prévia que o autor exercia com rigor: é preciso aceitar que a janela sabe mais sobre a tarde do que o olho que a vê. O livro começa aqui, no milímetro exato onde a luz desiste.

MÓDULO I: A CONDIÇÃO ÓSSEA DOS OBJETOS

I. A Cadeira de Palha

Há um cansaço que não é humano. É o cansaço do vime trançado que cedeu três centímetros nos últimos dez anos.

A cadeira vazia sustenta o peso de todos os corpos que já se levantaram dela. Ela guarda a forma do quadril dos mortos e a pressa dos que saíram correndo.

Sua utilidade é uma imposição; sua verdade definitiva é o silêncio quando ninguém se senta.

II. O Copo Trincado

A linha que corta o vidro não vaza. É uma cicatriz interna, um desvio de luz que divide a água em duas partes que ainda se tocam.

O copo trincado opera na iminência. Ele avisa que o desastre já aconteceu por dentro, embora a forma exterior permaneça intacta.

Beber nele é um risco físico e uma partilha estética.

III. O Sapato Esquerdo

Abandonado no canto do corredor, mantém a curva exata do dedão de quem caminhava com pressa.

Falta-lhe o par para que seja movimento; sozinho, é apenas uma escultura da ausência. O couro gastou mais do lado interno. Revela uma imperfeição na marcha, um peso jogado para dentro, uma timidez crônica no andar que o dono nunca confessou a ninguém.

IV. A Gaveta dos Pregos Tortos

Ninguém entorta um prego por vontade própria. Ele entorta no erro do martelo, no nó da madeira dura, na insistência da mão que bateu sem ver.

Guardá-los na gaveta é colecionar tentativas frustradas de fixar o mundo. Estão ali, oxidados, imóveis, livres da obrigação de sustentar qualquer quadro. Tornaram-se, finalmente, puros.

MÓDULO II: A METAFÍSICA DA CLOROFILA

V. O Musgo no Muro de Arrimo

O musgo não pede licença ao cimento. Ele é a umidade que ganhou corpo, uma textura aveludada que vive da sombra que a arquitetura rejeita.

Seu caminho percorrido é milimétrico. Ele não viaja pelo espaço; ele coloniza o tempo. O muro acha que segura a terra; o musgo sabe que a terra já engoliu o muro.

VI. A Respiração Inversa da Samambaia

Pendurada por um arame galvanizado, as folhas caem como cabeleiras verdes em direção ao piso cerâmico.

Ela faz o trabalho sujo de limpar o ar do quarto enquanto os humanos dormem. Suas folhas não têm flores, não têm frutos, não têm pressa. São apenas repetições de si mesmas, um fractal verde que testa os limites do espaço interno.

VII. A Raiz que Racha a Calçada

A força não está no topo; está no escuro. Uma raiz de fícus decide expandir-se dois milímetros para o lado esquerdo. O concreto cede. A pedra portuguesa levanta como uma onda dura.

Há uma violência mansa na vegetação urbana. Uma recusa em aceitar a linha reta que os engenheiros desenharam sobre o barro.

VIII. O Caroço Abandonado

O caroço de pêssego sobre o prato de louça traz as marcas dos dentes. A carne doce foi consumida; restou a madeira interna, a blindagem da semente.

Ele parece morto, mas é a coisa mais viva da mesa. Contém uma árvore inteira comprimida pela pressão de sua própria casca. Uma utopia compactada que aguarda o apodrecimento do prato.

MÓDULO III: A GEOMETRIA DA LUZ E DA POEIRA

IX. O Facho de Luz das Três da Tarde

Quando o sol atinge o ângulo de quarenta e cinco graus, ele passa pelo vão da veneziana quebrada e corta o quarto ao meio.

Quem cruza o quarto nesse momento é batizado pelo ouro. Quem fica na sombra permanece invisível. A luz não ilumina o espaço; ela o divide em fatias de realidade.

X. Poeira em Suspensão Cósmica

No facho de luz, milhares de pontos brilhantes flutuam sem peso. São restos de pele, fragmentos de tapetes, pó de livros antigos, asas de insetos mortos.

A poeira é o arquivo do mundo em suspensão. Ela desenha o movimento do ar que a nossa respiração provoca. Olhar para ela é ver o tempo flutuar antes de cair sobre os móveis.

XI. O Espelho Embaçado do Banheiro

O vapor do chuveiro apaga o rosto de quem olha. O vidro torna-se uma parede branca, uma névoa que protege o indivíduo de sua própria imagem.

Passar o dedo limpa um retângulo. O olho surge ali, isolado do resto do corpo, espantado com a própria existência em meio ao nevoeiro doméstico.

XII. A Linha Horizontal do Chão

Se colocarmos o olho no nível do piso, o mundo ganha outra escala. O rodapé vira uma cordilheira; o chinelo abandonado torna-se um monumento.

A linha horizontal do chão é o fundamento de toda a arquitetura. Tudo o que cai busca essa linha. Estar deitado sobre ela é a única conclusão possível para quem cansou de carregar o próprio esqueleto.

MÓDULO IV: A CONDIÇÃO DAS COISAS ABANDONADAS

XIII. O Guarda-Chuva Esquecido no Ônibus

Ele viaja sozinho agora. Não protege ninguém da água. Seu tecido preto está úmido, deixando uma poça redonda sob o banco de plástico azul.

Sua condição é a da pura passagem. Pertenceu a dez pessoas antes desta; pertencerá a mais duas se o funcionário da limpeza não o jogar na lixeira mecânica. O guarda-chuva esquecido é o símbolo máximo da nossa incapacidade de reter o que nos protege.

XIV. A Chave que Não Abre Nenhuma Porta

Ela perdeu o segredo, ou a fechadura foi trocada após o divórcio. Sobrou o metal polido, o desenho clássico da engrenagem que não gira mais nada.

Guardá-la no chaveiro é um ato de superstição poética. Uma recusa em aceitar que certos portais foram fechados para sempre e que o caminho percorrido mudou de direção.

EPÍLOGO: O SILÊNCIO DA MATÉRIA

Terminado o inventário das pastas de Paulito Dagen Roer, as coisas continuam onde estavam. A cadeira não se moveu, o copo mantém sua trinca e o musgo avança mais um décimo de milímetro sobre o cimento.

A escrita da Curadora não altera a condição física do mundo; ela apenas suspende a nossa cegueira por alguns instantes para que possamos enxergar o avesso dos objetos.

A verdade definitiva deste primeiro volume não está nas palavras que você acabou de transferir para o seu editor, mas no peso físico do aparelho que você segura agora nas mãos. Ele também é matéria. Ele também aspira ao silêncio do arquivo.

INVENTÁRIO DA MATÉRIA

Papéis de Paulito Dagen Roer

ORGANIZAÇÃO E NARRATIVA DO CURADOR — VOLUME I

Este primeiro volume reúne a cartografia fragmentada e os vestígios documentais de Paulito Dagen Roer (1971-2017). A coleção apresenta colagens brutas, anotações marginais, correspondências e fragmentos de narrativas que definem a essência de sua pesquisa material e a poética da precariedade. Organizado pela curadoria, este volume estabelece as bases de um arquivo em constante desdobramento.

BIBLIOTECA
DO ARCHIVE

VOL. I
ISBN 978-65-07634-32-1
9 786587 654321